

## DA LITERATURA CLÁSSICA À CONTEMPORÂNEA: RECURSOS E ESTRATÉGIAS

Nesta edição, de número 14, a revista *Scripta Alumni* celebra o diálogo, a tradição, a passagem do tempo e as inovações. A literatura de ontem e de hoje, de épocas, estilos e culturas distintos, é discutida nos artigos publicados neste número. Os dezesseis trabalhos escolhidos trazem à tona reflexões teóricas que abrangem assuntos pertinentes e que sinalizam o que a crítica acadêmica privilegia atualmente. Assim como são analisados aspectos tradicionais e fundamentais, a exemplo dos elementos da narrativa, a linguagem literária é focalizada em seus múltiplos recursos e estratégias. Os Estudos Culturais e a Intermedialidade ajudam a reforçar as relações entre os textos e o próprio conceito de diálogo, que pressupõe trocas e negociações entre (con)textos.

Em se tratando de gêneros literários, a diversidade se consolida com análises de romances, contos, poemas e peças teatrais. E, já que o tempo é o substrato do tema escolhido para nortear os trabalhos publicados nesta revista *Scripta Alumni*, não poderia faltar a associação entre Literatura e História, em dois principais aspectos: a tradição literária, que compreende as estéticas clássica e contemporânea, analisando mudanças e permanências dos recursos comuns à arte da escrita; e a função social da literatura, que utiliza e critica o contexto histórico-cultural, para compor textos que refletem e problematizam eventos, entrelaçando diferentes períodos e perspectivas.

Com base nesta breve introdução aos temas dos artigos aqui publicados, parece apropriado utilizar a concepção que Stuart Hall apresenta, sobre Tradição e Tradução, em *A identidade cultural na pós-modernidade*<sup>1</sup>. Nesse livro, entre muitos temas, o autor discute a importância do hibridismo e do aspecto temporal, que associa o novo ao antigo, revendo e refazendo caminhos, características e estilos. Esse processo exige um duplo olhar, para o passado e para o presente, sem cortes abruptos, mas em continuidade, para a qual a novidade não passa de mera transmutação ou evolução da forma primeva. Sendo assim, o novo é sempre o antigo, em sua essência, sem paradoxos ou incoerências.

---

<sup>1</sup> HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2001.



Relacionado a isso está também o conceito de “devir”, formulado por Heráclito, cuja ideia principal perpassa muitos dos temas já apresentados aqui: tempo, transformação, permanência... A literatura é a mesma sendo outra e se faz nova sendo, em certa medida, antiga.

Por esse motivo, o que, de certo modo, orienta os artigos publicados nesta edição também se duplica. Importam tanto as semelhanças quanto as discrepâncias. Além disso, estas podem variar, transitando pelas especificidades (ou sutilezas), que só podem ser percebidas em uma leitura atenta, ou pelas oposições, que, apesar da contrariedade explícita, expressam retomada e também certa conformidade.

Apresentados o tema e os subtemas desta edição, passemos agora à estrutura da revista. Os dezesseis artigos publicados estão distribuídos em sete seções:

- *Literatura entre artes.*
- *Espaço-símbolo, espaço-tempo.*
- *Arte/fato.*
- *Identidades.*
- *Linguagem e metalinguagem.*
- *Textos em cena.*
- *Presente e passado da poesia.*

Em *Literatura entre artes*, dois trabalhos discutem o aspecto interartístico. O primeiro, intitulado *Lendo o "Quixote" nas ilustrações de Gustave Doré e Candido Portinari*, relaciona três artes diferentes: a literatura, o desenho e a pintura. Essa multiplicidade não envolve apenas linguagens, técnicas e recursos distintos, mas também períodos, estilos e perspectivas. Em um sentido mais amplo, o diálogo se estabelece entre textos verbal e visuais, entre palavra e imagens. A discussão contempla ainda a função e a importância das ilustrações na obra literária e, no referencial teórico, destacam-se os autores Gerard Genette e Alberto Manguel, em perfeita sintonia com os temas analisados no trabalho. O segundo artigo dessa seção recebe o título *O pastiche de Autran Dourado: A dimensão do trágico em Minas*. O foco do estudo é o romance *Os sinos da agonia*, em diálogo com a peça *Fedra*, de Racine. Inclusive, nesse caso, há referência direta à questão da tradição literária, já mencionada anteriormente, nesta apresentação. Diferentes épocas e gêneros são analisados, na confluência de culturas



(distintas e, ao mesmo tempo, muito semelhantes), de modo a ilustrar a mesma duplicidade que o “devir” encerra.

Na seção *Espaço-símbolo, espaço-tempo*, outros dois artigos são apresentados. A literatura russa é analisada em *A função do cronotopo e dos outros elementos da narrativa no conto “O mujique Marei”, de Fiodor M. Dostoiévski*. Fundamentado nas obras do teórico russo Mikhail Bakhtin, o trabalho destaca dois elementos da narrativa, o espaço e o tempo, para analisar o conto e as ações do protagonista. Aqui, o clássico se faz presente nos aspectos teórico e literário. Outra especificidade do artigo é a associação entre autores da mesma nacionalidade, contemplando um diálogo intracultural. No segundo estudo da mesma seção, as autoras analisam a Literatura sob a perspectiva da Psicanálise. Sob o título *Variável constante: Entre as águas dos rios e as do Rio Negro ou a sexualidade verificável nos contos de Vera do Val*, o artigo se detém sobre os seres que vivem no rio e à margem dele, sobre as relações de poder e também sobre prazer e desejo. Os termos que compõem o título anunciam a riqueza simbólica do rio, elemento-chave do trabalho, associado tanto à variação quanto à constância. Na esteira dessa duplicidade, o mito regional se amplia e se torna universal, por meio das referências às teorias de Freud e Lacan.

*Arte/fato*, nossa terceira seção, traz três artigos: *O “caso” Sousândrade na historiografia literária brasileira*; *“Nação crioula”: O último navio negreiro a aportar no Brasil*; e *Literatura e experiência histórica em “De rios velhos e guerrilheiros: O livro dos guerrilheiros”, de José Luandino Vieira*. O primeiro artigo dessa pequena lista tem, em seu objeto de estudo, o autor Sousândrade, um importante ponto de contato com as ideias de multiplicidade e diferença. Tanto o escritor como sua obra despertam polêmica, pelos diferentes posicionamentos críticos que os interpretam e também pelas lacunas deixadas por questões insolúveis e, por isso, ainda muito debatidas. Dando continuidade a esse panorama, o artigo revisita a crítica feita há dois séculos, reavaliando-a e problematizando-a, à luz de críticos do século XX. O segundo artigo analisa a obra do autor angolano Agualusa, destacando a abolição e a colonização brasileiras. O romance epistolar, que envolve questões étnicas, tematiza, entre outros aspectos, o poder nas relações de alteridade que se estabelecem, durante o período de escravidão. Tudo isso é discutido com base na Literatura, que relaciona as Histórias do Brasil, da África e de Portugal. O trabalho que fecha essa seção faz uso dos estudos de Paul Ricoeur, principalmente, para analisar a transposição do contexto histórico para o ficcional. Na análise, o elemento tempo tem importância fundamental e está ligado não apenas à História, ma também à memória, que, por sua vez, ilustra de modo



exemplar a zona limítrofe e bastante rentável, que também aproxima o que é factual do que é “puramente” artístico.

A seção denominada *Identidades* reúne dois artigos. Um deles recebe o título “*Ana Davenga*”, de *Conceição Evaristo: A língua plural do corpo* e analisa sexualidade e erotismo em relação ao gênero feminino e à negritude. Como deve ocorrer nos estudos que privilegiam qualquer questão identitária, o trabalho contempla alteridade, aspecto relacional e pluralidade. A partir do corpo, analisa-se o personagem principal, que passa a se ver no outro e pelo outro, consolidando a necessária relação de oposição e complementaridade, de identidade e diferença. A obra de outra autora brasileira, que também discute o tema das identidades, é analisada no artigo *O lugar da memória em “Azul corvo”*, de *Adriana Lisboa*. Apesar de esse trabalho também investigar o cruzamento entre Literatura e História e o tema da memória, destacam-se, no trabalho, o processo de transformação e a questão da migração. A identidade é, pois, o fio condutor das análises, que combinam magistralmente o passado lembrado e o presente que se (re)constrói a partir dele. No referencial teórico, o destaque vai para os autores que discutem a pós-modernidade: Linda Hutcheon, Stuart Hall e Zygmunt Bauman.

Na parte *Linguagem e metalinguagem*, estão dois trabalhos. *Um laço frouxo entre memória e verdade* já anuncia, no título, a relativização do que se diz factual. Como discursos, tanto a memória quanto a pretensa versão “verdadeira” igualam-se pelo aspecto linguístico, afinal é a linguagem que forma o texto. Portanto, cabe a ela a característica transformadora e/ou criadora. Com base no mito das Musas inspiradoras, esse trabalho retoma obras e autores da Antiguidade Clássica para investigar o papel do autor e o processo do fazer literário. Para tanto, a autora nos convida a uma viagem que prevê muitas eras e que nos leva à origem de conceitos que norteiam não só a Literatura, mas as artes em geral. Em *Marcas reflexivas da literatura contemporânea em “Conto (não conto)”*, de *Sérgio Sant’Anna*, analisam-se a metalinguagem e a interseção arte/vida. Fundamentado nos estudos de Patricia Waugh e Linda Hutcheon, esse trabalho também associa o fazer literário à função autoral e à linguagem. Comparando os dois artigos dessa seção, estabelecemos um ponto comum: o distanciamento. No primeiro caso, a distância histórica ilumina a identidade da própria Literatura, que se debruça sobre suas origens. No segundo caso, o distanciamento é propiciado pela metalinguagem, que tenta analisar “de fora” o processo de criação, obtendo maior criticidade por meio desse olhar mais objetivo.

Reunidos sob o título *Textos em cena* estão três trabalhos. Em “*Electra enlutada*” (1931), de *Eugene O’Neill: O trágico na construção da*



*casa dos Mannon*, discute-se a mimesis no texto dramaturgico, a partir de comparações do texto de O'Neill com os clássicos da Antiguidade: Eurípedes, Ésquilo e Sófocles. Além de tratar de escritores fundamentais da literatura universal, o texto faz uso dos postulados de Erich Auerbach e de Luiz Costa Lima para debater o aspecto mimético; e de Mircea Eliade no que se refere à relação entre mito e realidade. O artigo *Os aspectos sociais de "Morte e vida severina", de João Cabral de Melo Neto, e suas rupturas* analisa alguns diferenciais da peça no contexto da metade do século XX, quando ainda predominava o tradicional "drama burguês". Focalizando estrutura, linguagem e temática, o estudo, de teor comparativo, insere o texto de João Cabral em um contexto mais amplo, sem restringi-lo ao aspecto regionalista da literatura. O teatro de Shakespeare é discutido em *A universalidade da tragédia "Otelo, o mouro de Veneza"*, por meio de uma das diferenças principais entre o texto do autor inglês e as tragédias gregas: a causa da tragicidade, que, em Shakespeare, está nas ações do próprio homem, sem que o destino desempenhe qualquer interferência "sobrenatural". Em função disso, é discutida também a condição humana do herói, a qual, por sua vez, contribui para a relativização do caráter e do perfil do personagem principal.

Chegamos, agora, à última seção desta edição da *Scripta Alumni*. Intitulada *Presente e passado da poesia*, essa parte apresenta dois artigos. No primeiro deles, *Poesia moderna, concreta e contemporânea de vanguarda*, elege-se a poesia do trio concretista como centro, para, a partir desse contexto, analisar o antes e o depois. Nos extremos desse percurso, são mencionados Charles Baudelaire e poetas do século XXI, respectivamente. Quanto ao Modernismo, estética que antecedeu o movimento concretista, são destacados escritores da crítica e da arte literárias e as vanguardas, que definiram grande parte do projeto estético-literário do período modernista. A autora do artigo *Da lírica moderna à lírica contemporânea: O espectro de Baudelaire na lírica tolentiana* também se vale da análise comparativa e da influência de Baudelaire para analisar a poesia contemporânea. Para isso, utiliza-se um vasto referencial teórico, que abrange diversos períodos e autores representativos da Teoria Literária em um panorama que vai desde Horácio até Croce, Staiger, entre outros. Com relação à sociedade e à cultura de nossa época, Bauman e Lipovetsky ajudam a estabelecer como a obra poética de Tolentino reflete as características da "modernidade líquida" e dos "tempos hipermodernos".

Nesse percurso, que, apesar de breve, nos leva por diferentes momentos, de muitas artes, desejo a todos uma boa leitura. E, para fazer jus a essa pluralidade, cito o mestre Vargas Llosa, que declarou,



certa vez, ter conhecido, por meio da literatura, alguns significados do termo "talento", que pode ser: "disciplina" e "paciência" (em Flaubert); "forma" e "estrutura" (em Faulkner); "número" e "ambição" (em Cervantes); ou, ainda, associação entre "ato" e "palavra" (em Sartre)<sup>2</sup> (LLOSA, 2015)<sup>3</sup>.

Verônica Daniel Kobs

Editora

---

<sup>2</sup> Fragmento do texto original: "Flaubert me enseñó que el talento es una disciplina tenaz y una larga paciencia. Faulkner, que es la forma -la escritura y la estructura- lo que engrandece o empobrece los temas. Martorell, Cervantes, Dickens, Balzac, Tolstoi, Conrad, Thomas Mann, que el número y la ambición son tan importantes en una novela como la destreza estilística y la estrategia narrativa. Sartre, que las palabras son actos y que una novela, una obra de teatro, un ensayo, comprometidos con la actualidad y las mejores opciones, pueden cambiar el curso de la historia" (LLOSA, 2015).

<sup>3</sup> LLOSA, M. V. *Elogio de la lectura y la ficción*. Disponível em: <[http://elpais.com/diario/2010/12/08/cultura/1291762802\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2010/12/08/cultura/1291762802_850215.html)>. Acesso em: 23 jun. 2015.

